Geringonça escangalhada

Nacional | Nacional | 4 FEV, 2016

António Costa já percebeu que não irá longe com um Governo atado por aranes e sem apoio leal e verdadeiro em S. Bento. Enquanto espera o momento de provocar eleições antecipadas, o líder do PS faz por sobreviver à sua própria contradição e tenta desmontar as armadilhas que o PC e o BE lhe vão deixando no caminho...

Vasco Pulido Valente chamou "geringonça" à precária e artificial solução de governo inventada por António Costa após as eleições de 4 de Outubro. Hoje, dois meses depois da tomada de posse, nenhuma outra expressão se lhe aplicaria com mais propriedade: tal como a carangueijola defeituosa que a palavra retrata, presa por aranes e prestes a desmanchar-se, o XXI Governo Constitucional sobrevive por milagrosa acaso – contra a lógica política, contra os credores e as leis da aritmética, contra a União Europeia e, por fim, contra os próprios parceiros de "frente popular" que um dia juraram apoiá-lo no Parlamento. Com canseiras dezoes, Costa bem pode dispensar inimigos. Mas também não tem mais do que aquilo que merece.

O Partido Comunista saiu das últimas eleições com uma dúvida existencial: o pequeníssimo resultado do ex-padre Edgar Silva ter-se-ia ficado a dever ao candidato, ao desgaste infligido pelo Bloco de Esquerda, à sangria de votos úteis para Sampaio da Nóvoa ou é o aqui que está o busílis) ao facto de o partido ter caído na tentação de apoiar um Governo do sistema capitalista, traindo assim a "linha justa" seguida pelo PC ha quase um século?

Os cartazes de Edgar em pose albanesa começaram a destoar e ficaram sem cor rasgeria muito antes do acto eleitoral. Seria isso premonição de que as bases comunistas lavavam as suas mãos dos acordos assinados às escondidas pelos camaradas Jerónimo e Costa numa sala escorsa do Parlamento?

O certo é que, desde a noite da vitória de Marcelo, a ramona PS-PC, de cujo arbalhar duvidamos beijocas tensumentas pelos beirais do esgueeta, entrou repentinamente. Os comunistas, agora, falam em "intervir" com dureza no Orçamento para evitar que o Governo continue "condicionado" por Bruxelas. E não se cansam de sublinhar que este é uma das "indispensáveis diferenças" que separam os dois partidos: másculo e probo, o PC não cede a "constrangimentos e condicionamentos externos", ao contrário do P.S. que lembra um passarito paralisado pela "pressão e chantagens que vem do União Europeia e de círculos nacionais e eia associados".

Na perspectiva de um Congresso comunista agendado para o final do ano, Jerónimo de Sousa vai subindo a parada que aumentar já o salário mínimo para 600 euros, quer ver totalmente implementado o regime das 35 horas semanais na Função Pública, quer que o Governo que apoio bata o pé à "troika" das notadoras financeiras, da troika e da UE. "Não nos desviaremos do caminho traçado", evisou o secretário-geral, e "salremos à rua contra tudo e que for negativo para os trabalhadores" (tradução: só tivemos 4% dos votos nas presidenciais, mas não é nas urnas "que se vê a força do PC").

Jerónimo quase não acabara ainda de pronunciar essas palavras grossas quando, sexta-feira passada, o País sobresso mais uma greve da Função Pública. Foi coisa leve, desta vez, só para lembrar que o Tribunal Constitucional abriu caminho à reposição do horário de 35 horas na administração pública e que o PC está de olho no assunto. Efeitos políticos da greve, poucos se notaram – mas a mensagem ficou: o partido está pronto para voltar à raia, se necessário contra o Governo que "apoia".

Para que este papel vário ganhasse toda a sua carga simbólica e alcançasse quem mais importava, Jerónimo aproveitou a última semana para lançar dardos desferrinhoso à "candidata engragadinha" que lhe roubou boa parte dos votos: Marisa Matias, o descorado rosto presidencial do ceibalo Bloco de Esquerda. Porque, na verdade, o Bloco de Esquerda é a grande dor de cabeça do Partido Comunista. E o Bloco que, desde há anos, vem comendo a base social de apoio do PC, (he vem devolando as jovens, (he vem rapinando o protagonismo no Parlamento, nas televisões, na rua – ainda por cima, valendo-se ultimamente do impalpável frisa de rapariga vistosa que tomaram o lugar do sacrolitico Louçã e do enfadonho Rosas.

Esta rivalidade, intrínseca à alcova esquerdista, não passaria de ninharia de bastidores se não comportasse, em si mesma, aquilo a que os marxistas chamariam o germe da autodestruição da solução governamental. Só laboriosamente alcançada por António Costa, isso é a guerrilha envolvendo o BE e o PC pila em risco a estabilidade dluvidosa (ogo na origem) da "geringonça" PS-PC-BE. Porque obriga o PC a "fugir para a frente", radicalizando a sua agenda. E porque reforça o Bloco, de quem Costa irá cando cada vez mais dependente.

"Ao semestres desto companha dadio flutos", disse a desluminada Marisa Matias após o sufrágio presidencial. Todas as figuras de proa do Bloco, de resto, andam desluminadas: Martna pelo resultado que obtreve, Catarina Martins por passar por mentora desse sucesso e as manas Mortágua pela sua papel de "asterpitlam" da política nacional. Mas o seu desluminbramento (um pouco tolo e juvenil, é certo) não lhes retira força e capacidade de influência. Com os seus 10 por cento robrados e confirmados (a dobro do que obtreve o ex-padre terrorista do Comité Central do PCI, o BE é agora quem segura o braço direito de António Costa: uns dias como flauzina "engragadinha", outros como "iamientina" que lena tudo à frente. A noção baça que a própria líder do Bloco tem do regime representativo está bem corrida nesta seu comentário ao veto do Presidente Cavaco às leis de adopção por homossexuais: "Terá de promulgar os diplomas, quer queira, quer não". Comentou depois a historiadora Helena Matos: "O problema não é Catarina Martins dizer que o Presidente da República terá de promulgar (que queira, quer não), o problema é a esquerda e à direita aceitar-se essa alaividade como um direito natural".

Com o PC angustiado de um lado e o BE esficiarante do outro, António Costa tem de negociar com Bruxelas uma solução orçamental que satisfaça Jerónimo, não desfeita Catarina e não leve o Governo a perder a face perante os seus eleitores. "Não não nos rengamos" – esse frase tão inatil quanto falsa – é uma jura que pode sair caro ao líder socialista. Isto é mais que sabido no PS, onde as várias tendências evitam pôr a cabeça de fora, aguardando com inquietação o desenrolar da novela. Só os mais abertamente contestatários ousam chamar os bois pelos nomes. O PS ou tem juízes ou vai ter dificuldades nas próximas eleições – avisa Álvaro Beleza, sempre lembrando que a aliança com a extrema-esquerda "não é consensual" no partido.

O aviso é oportuno: as presidenciais mostraram que a base de apoio do PS está a ser duplamente corroída pelo Bloco, que satisfaz a ala socialista mais radical, e pelo centro-direita, que atrai os moderados. Mas Costa – e voz corrente no Largo do Rato – está convencido, não se sabe por quem, de que terá um bom resultado em eleições antecipadas, bastando-lhe para isso saber escolher o momento em que as provocarla. Ora, este excesso de confiança surge como síntoma do orgueito que parece ter-se apossado da direcção socialista: face à impossibilidade de fazer omeletas sem ovos, o PS está condenado ao puro realismo político (como se vê agora no caso da redução do IVA para cafés e restaurantes, que afinal será "reversível" e, para já, só engolirá "certos" artigos). Mas os truques e habilidades saisidas têm prazo (imite e, na actual conjuntura, só evidenciam a fragilidade extrema da "geringonça" e o desespero do seu chefe.

Não admira, por isso, que Costa se tenha engenado duas vezes no Parlamento, chamando "senhor primeiro-ministro" a Passos Coelho. E ainda admira menos que nem sequer tenha dado pelo lapso freudiano...

TWITTER | FACEBOOK | GOOGLE +

PREVIOUS ARTICLE
Muita promessa, pouca vre: guia de fracasso da esquerda

NEXT ARTICLE
Edição de 2 de Fevereiro de 2016

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...